



## **SUJEITOS EXPERIENTES: MEMÓRIAS DE PEDAGOGIZAÇÃO DO CORPO NA UAMA- UNIVERSIDADE ABERTA À MATURIDADE-CG.**

Autora: Janaína Leandro Ferreira

UFCG (Universidade Federal de Campina Grande). E-mail: [inaleandroferreira@hotmail.com](mailto:inaleandroferreira@hotmail.com)

Orientadora: Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

UFCG (Universidade Federal de Campina Grande). E-mail: [reginacgn@gmail.com](mailto:reginacgn@gmail.com)

**RESUMO:** Objetivamos com esse artigo problematizar as experiências de gênero e pedagogização exercidas nos corpos femininos e masculinos a partir das representações de memória de idosos, em memoriais de vida, produzidos pelos alunos e alunas da UAMA- Universidade Aberta à Maturidade- CG. A UAMA se insere no perfil das chamadas *Universidades Abertas à Maturidade* (UAMA), emergem com um espaço pedagógico voltado aos maiores de 60 anos no sentido de contribuir para a prática do envelhecimento sadio e ativo através da educação. Assim, recorreremos às memórias dos idosos e de suas vivências para pensar historicamente como representam suas experiências, infantis e juvenis sobre o ser masculino e ser feminino. A metodologia utilizada será a problematização das narrativas dos idosos e idosas ao rememorarem seus passados. Assim, buscamos perceber como expressam em suas narrativas experiências de normatização dos corpos exercidas sobre eles. Como ferramentas teóricas, recorreremos aos conceitos de *experiência* de acordo com o que propõe Larrosa (2004); o conceito de *memória* de acordo com a perspectiva de Thamsom (1997); o historiador Albuquerque Júnior nos ajuda a problematizar as questões das *pedagogias* que agem sobre os corpos dos sujeitos a fim de dirigir, normatizar e regular gestos; e Scott (1989) para pensar as questões de *gênero*.

**Palavras-chave:** Corpo experiente; memórias; pedagogias; gênero.

### **INTRODUÇÃO.**

*“A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (BOSI, p.41, 1979).*

A experiência ou o saber da experiência tem muito a nos dizer, a nos ensinar, e aqui



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não pretendemos relacionar esse conceito apenas como fruto do acúmulo de informações contadas a partir da cronologia dos anos. As experiências podem vir de grupos etários os mais distintos e não deve ser pensado a partir, apenas, da contagem do tempo, de forma acumulativa e tendo um grupo etário como “guardião” supremo de um legado cultural. No entanto, a de se reconhecer que há saberes que são carregados por corpos experientes que devem ser levadas em conta. Na sociedade da informação a valorização da experiência é cada vez mais rara, a escuta é cada dia mais desautorizada. Não há como negligenciar a invisibilidade e a “desimportância” social dos “velhos” e “velhas” em uma sociedade capitalista, que vê esses indivíduos ainda com certo incômodo. Embora, muito tenha se caminhado em relação aos aparatos legais como Estatuto do Idoso (Lei nº 10741/2003), que assegura que o Estado, a sociedade e a família devam criar maneiras que permitam a sociabilidade dos idosos, o seu bem-estar, o enriquecimento pessoa e a convivência intergeracional, a socialização de experiências em espaços como da UAMA<sup>1</sup> são enriquecedores. Aqui

---

<sup>1</sup> A UAMA (Universidade Aberta à Maturidade) que teve sua primeira turma em 2008 se encaixa no perfil das chamadas *Universidades Abertas à Maturidade* emergem com um espaço pedagógico voltado aos maiores de 60 anos no sentido de contribuir para a sua reinserção, e visibilidade social e de formação para o envelhecimento ativo, tendência que se estabelece a partir da década de 80 do século XX no Brasil. O curso

trataremos, pois, de partilha de experiências, de saberes, de histórias de vida.

Pontuamos nossos objetivos no sentido de pensar acerca das experiências de idosos e idosas da UAMA – Universidade Aberta à Maturidade - ao rememorem seu passado. Assim, nos questionamos a quais memórias recorrem para compor no presente suas histórias de vida? Buscamos refletir também sobre as questões de gênero, ou seja, pensar de que forma significam em seus *Memórias de vida* a pedagogização exercida sobre seus corpos jovens, quando reelaboram memórias escolares, familiares ou profissionais? E ainda, problematizar como os corpos experientes representam as normatizações sociais de uma época ao recompor essas memórias.

### **METODOLOGIA.**

Metodologicamente iremos encaminhar nosso trabalho no sentido de refletir acerca dos relatos de memória, escritos pelos alunos da UAMA, inscritos em seus *Memoriais de vida*, como posto anteriormente. Esses documentos de memória são apresentados ao

---

tem sede em Campina Grande, e vem se expandido atendendo uma demanda de mais de 400 idosos, na grande maioria mulheres, desde 2009, que tem frequência assídua e procuram aquele espaço como um meio de construção coletiva, de amizade e inclusão social. Com duração de dois anos, e carga horária de 1.400 horas



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

final de dois anos do curso. Os memoriais são produzidos sob a orientação de professores, mas não possuem uma padronização específica. Assim, as narrativas são carregadas de reminiscência, sensibilidades, memórias da juventude, memórias de dor, e em muitos casos silenciamentos, “não ditos”, que são passíveis de serem problematizados pelo historiador, e aqui serão utilizadas quando e se for conveniente. É válido fazer algumas ressalvas em relação à utilização dos relatos inscritos nos *Memoriais de vida* dos alunos da UAMA. Por uma questão de ética, ao empregarmos uma narrativa retirada dos memoriais referenciamos o nosso “memorialista” utilizando apenas o primeiro nome seguido do substantivo aluno ou aluna. É preciso destacar, ainda, que há de se fazer alguns apontamentos em relação ao diálogo entre memória e história. Nos colocamos longe das posições que pretendem usar das memórias como “prova” concreta do passado ou depoimento mais legítimos se relacionado a outras fontes. Tal qual qualquer outro tipo de fonte histórica as memórias devem ser questionadas, problematizadas, e esse ofício cabe ao historiador, consciente das regras da sua “operação historiográfica”. Estamos cientes que ao recordar, cada indivíduo trás a tona fragmentos desconexo do passado, traços específicos e particulares da memória coletiva e individual, e elabora uma narrativa que

costure essas memórias, as organize. Assim, o que pretendemos analisar é como nossos sujeitos elaboram no presente, a partir do que os marcou, os tocou em suas experiências de gênero, das vivências em família, na escola, na cidade, no trabalho e como tais espaços moldaram seus corpos, pedagogizaram seus gestos.

Thomson (1997) faz algumas considerações a respeito da relação contínua de reconstrução e transformação de experiências lembradas, através de escolhas e recortes que fazemos ao lembrar, isso acontece, segundo o autor, de modo que estamos sempre “elaborando” nossas memórias, desta forma:

Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com a nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social. (THOMSON, p.57, 1997)

Ao contarmos histórias e recorrer às experiências vividas que estão marcadas em nos também nos reinventamos, nos identificamos com o que narramos, significamos intencionalmente para sermos reconhecidos pelo outro, por um grupo, da



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

uma maneira a qual gostaríamos de ser vistos, reconhecidos.

Silva (2000) ajuda a pensar o conceito de *representação* como uma forma de atribuição de sentidos que pode se expressa por meio de fotografias, filmes, narrativas orais ou escritas. Uma marca traçada pelo indivíduo, no caso dos relatos orais, que se liga tanto a construção de identidade, quanto da diferença, pois, quando escolho uma identidade para me representar excluo outras tantas possibilidades, todavia, não nós representamos de uma única forma, nem sempre da mesma maneira, embora, haja formas que identidades as quais nos sentimos mais confortáveis.

Para pensar as narrativas experientes dos sujeitos, especialmente, com o objetivo de experimentar uma postura que pense a educação e o saber, para além, do olhar da positividade, cientificidade e das técnicas tradicionalistas que ainda pairam nas salas de aula, nos apropriamos do conceito de experiência para que através da partilhar de saberes possa ajudar-nos a tomar outras posições enquanto sujeitos e educadores, a experiência que se dá para além da estreita e limitada relação conhecimento-formação para o trabalho. Aqui buscaremos uma alternativa que elabore um olhar para educação que se abre para aprender com o “outro”. Como bem nos chama atenção Larrossa (2004), desde os

primeiros anos de nossa formação escolar até a Universidade a regra da aprendizagem é, informar-se e dá opinião, o que gera muitas das vezes uma posição de fala arrogante, que aparentemente tudo sabe, graças ao acesso hoje ilimitado da informação, porque ela está lá ao alcance das mãos. Obviamente não queremos aqui desmerecer as contribuições que as novas tecnologias trouxeram para nossas vidas, mas imprimir um novo olhar para nossas ações cotidianas, enquanto, professores, alunos, sujeitos.

A experiência é cada vez menos valorizada, vista com desprestígio. Em raros momentos paramos para ouvir o que os outros têm a nos falar. Tudo passa rápido demais, as relações tendem a se dá no imediatismo, o tempo do trabalho é o mais importante. O consumo de notícias nos devora, “a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência” (LARROSSA, p.157, 2004). Assim, refletir sobre o que é significado na memória de homens e mulheres em suas histórias de vida, quando rememoram em seus relatos outras épocas, outros códigos sociais para pensar hoje os avanços da educação de gênero e pensar a produção e a reprodução das identidades de gênero historicamente, deve ser cuidadosamente analisada.

Concordamos com Schot (1989) quanto ao perigo de se reduzir a análise e o conceito



de gênero a esfera familiar e a experiência doméstica, mas adiantamos que nossos sujeitos, em especial, as mulheres idosas, nem sempre se encaixam no perfil apenas da mulher como “rainha do lar”, e isso iremos perceber adiante.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Escrever sobre gênero, mais particularmente, sobre identidades de gênero, que foram sendo gestadas ao longo da vida dos sujeitos, homens e mulheres, nos coloca inicialmente a seguindo questão: Como indivíduos hoje com mais de 60 anos recordam sua infância e juventude? Como os dispositivos de pedagogização do que ouviram, viram da sociedade, do que foi ensinado na família, na escola, nas práticas de sociabilidade foram construindo lugares distintos para o masculino e o feminino e como os idosos e idosas representam e elaboram em suas memórias essas experiências?

Albuquerque Júnior (2013) ao tratar da questão do conceito de pedagogia vai além das análises que percebem as formas de pedagogização apenas voltadas para um ambiente específico, o escolar. Ao ampliar o olhar sobre as formas de pedagogização do corpo e dos gestos, o autor, nos ajuda a pensar

nossos *Memoriais de vida* com mais sensibilidade, assim, o autor afirma que:

Vivemos em uma sociedade e culturas em que uma multiplicidade de pedagogias opera no cotidiano, visando elaborar subjetividades, produzir identidades, adestrar e dirigir corpos e gestos, interditar, permitir e incitar ou ensinar hábitos, costumes, habilidades, traçar interditos, marcar diferenças entre o admitido e o excluído, valorar diferentemente e hierarquicamente gostos, preferências, opções, pertencimentos, etc. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p.1, 2013).

Desta forma, tal qual a indicação do historiador que as pedagogias têm em seu cerne o indicativo de: por em ordem, dispor sobre algo, ou alguém, enquadrar, normatizar valores e padronizar hábitos. Ao partir para as histórias de vidas dos nossos sujeitos de pesquisa, um trecho de um dos memoriais, nos chama atenção, deixemos que a narrativa se expresse:

Eu era muito participativa, cantava e tocava na *Rádio Borborema*, em todos os programas, lá estava, Eu... O Eraldo César era o animador do “Clube do Papai Noel!” Me recordo do Gil Gonçalves, (linda voz, charmoso, bonito e atencioso), Hilton Motta, Leonel Medeiros, Josias Cavalcante, Barros de Alencar, ainda é vivo, fez carreira no Rio e em São Paulo, Palmeira Guimarães, na Radio Borborema, eu ganhei muitos e muitos prêmios. No vespéral das moças, tinha a melhor crônica, a melhor carta de amor, a melhor frase e tudo aí eu ganhava em primeiro lugar. Certa vez tinha um programa *O céu é o limite*, respondia sobre a Segunda Guerra Mundial, ganhei um



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

rário, um travesseiro de pena de ganso, e um cheque de... não me lembro da quantia, mais deu para eu comprar móveis novos para minha casa. Nesta época, Ronaldo Cunha Lima respondia sobre Augusto dos Anjos. Fui Suspensa por várias vezes do Colégio, porque do Colégio, dava para ver a *Rádio Borborema*, e de lá, os professores me viam, porque eu me esquecia de “baixar o suspensório” e lá ia eu pra Secretária! (Dona Francisca - aluna UAMA, 2012).

O cenário representado na narrativa acima, se passa, muito provavelmente, entre os anos 50-80 do século XX. Momento bastante significativo, se lembrarmos, que a década de 60, especialmente, é palco das muitos movimentos políticos, sociais e culturais de revolução de valores. Essa agitação e contestação de padrões sociais de uma geração de jovens que saíam em busca de romper com as normas tradicionais que ditavam modos de agir, é significativa, na memória de muitas moças, especialmente, que viveram esse momento histórico.

No exemplo, Dona Francisca, a mais velha de cinco irmãs filha de industrial e de dona de casa, residente do bairro da Liberdade, podemos perceber como a mesma se representa e escolhe uma identidade para si de uma jovem mulher que esteve sempre participativa na vida pública, cantando e participando assiduamente de programas da

*Rádio Borborema*<sup>2</sup>, algo não muito comum para uma moça de “família”, nossa memorialista se representa mesmo como uma transgressora. Em outra passagem de sua narrativa de memória ela lembra “(...) eu me levanto a noite e me lembro das coisas que eu fiz, só para aparecer e talvez, “ser diferente” das outras meninas”.

Mas como bem lembra Motta (2012) em *Nova História das Mulheres no Brasil*, grande parte das mulheres que hoje são consideradas “velhas”, tem muitas histórias que não foram escritas. De jovens que saíam já na década de 50 de casa e conquistavam o primeiro emprego público, assim, se inserindo no espaço urbano, mas que ao invés de serem recebidas com comemorações acabavam sendo alvo de crítica, isso porque, apesar de todo o aparato de resistência nos discursos contestadores mesmo na década de 60, muitos dos costumes e dos valores tradicionais vigoravam ainda de forma bastante notória. A transgressão perante as normas impostas, assim, poderia levar a produzir efeitos de rebaixamento social e desprestígio perante a sociedade e muitas moças hoje idosas tem fortemente pressa em suas memoriais

---

<sup>2</sup> A inauguração da Rádio Borborema, pertencente aos Diários Associados, ocorrida em 08 de dezembro de 1949, restabelecendo-se como a segunda emissora da cidade de Campina Grande à época que já contava com a Rádio Cariri. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> Acesso: 20/04/2016



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

narrativas ressentidas acerca desse tipo de acontecimento.

No relato memorialista de outra de nossas aulas da UAMA, Dona Maria, a mesma reelabora suas memórias escolares, em particular, no Colégio Pio XI, instituição diocesana, fundada em 07 de abril de 1931 pelo vigário José Medeiros Delgado, que funcionava inicialmente nos salões anexos da Igreja Matriz da cidade de Campina Grande<sup>3</sup>. O Pio XI foi responsável pela educação de boa parte da “elite” campinense. Até os anos 50 atendeu apenas rapazes, após isso, passa a receber rapazes e moças da cidade, se convertendo em uma escola mista. As experiências de memória de Dona Maria, pois, se passam nesse segundo momento da escola diocesana, relata alguns momentos de sua infância, com oito anos de idade, vejamos parte do relato:

Depois, com meus oito anos, fui estudar no colégio pio XI, onde cursei o 1º ano B, cuja a professora era linda e seu nome era Maria Pia, ainda no primeiro semestre peguei uma briga com a colega de sala e essa briga era tapa vai e tapa vem, puxa cabelos de lá e de cá e tudo isso por ela ter me chamado de quatro olhos, pois usava óculos, ai que raiva! Fomos levadas para secretaria e só saímos de lá com os nossos pais e os boletins em mãos. Lembro como hoje nessa secretaria tinha uma caveira onde nós tínhamos muito

medo e de lá ficávamos bem quietas e com isso nos tornamos amigas, essa minha amiga se chamava (...) ao chegar em casa foi uma repressão por parte de minha mãe, já meu pai só me lisonjeava e me compreendia. (Dona Maria – aluna UAMA, 2013).

Para tentar compreender, através das memórias descritas, como em determinado contexto histórico as pedagogias do corpo agiam sobre a educação de gênero e como essas emergem nas memórias escolares e familiares dos idosos da UAMA. É preciso pontuar que o saber e a disciplina escolar rígida de uma instituição católica tinha seu peso na pedagogização de gênero, certamente, ser repreendida por brigar em público não era a postura mais aconselhável para uma moça bem educada. Como responsável pela educação do lar a mãe de Dona Maria repreende a conduta da filha, aparentemente, de forma bastante severa, não podemos firmar de que forma, especificamente, mas normalmente por meio de palmadas, castigos, isolamento social. Isso porque era a mãe que era dada a tarefa de educar as filhas para se tornarem boas moças, bem educadas, recadas e preparadas para que um dia pudessem arrumar um bom casamento.

No relato de Dona Maria quando se refere à figura materna como “repressora”, acaba significando em um episódio de sua história de vida e representando em suas memórias através de suas experiências

<sup>3</sup>Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2011/08/memoria-educacional-o-pio-xi.html#.VyVHP9QrK71>  
Acesso 28/04/2016.



sensibilidades de uma memória ressentida. Isto porque, em um contexto onde a mulher deveria se manter comedida em suas atitudes em sociedade, a disciplina exercida pelas mães, pois, na maioria dos casos a responsável pela educação e constituição moral dos filhos na “família nuclear” exigia da matriarca o pulso firme.

Araújo (2016) ao ressignificar suas próprias recordações de infância e juventude e experiências como mulher casada tenta compreender as pedagogias de gênero que agiram sobre seu corpo durante toda a vida, desde a educação dada no lar, que diferenciava as formas que meninos e meninas deveriam se portar, passando pelas brincadeiras que também funcionaram como práticas pedagógicas que serviram também, e ainda servem, para construir lugares diferenciados nas subjetividades dos indivíduos para se colocarem na sociedade. A autora destaca um exemplo esclarecedor:

As brincadeiras funcionavam como práticas pedagógicas para a construção de gêneros, evidenciadas pela diferenciação sexual. Era na esquina próxima à minha casa onde eu deveria brincar de roda e de toca, mas o espaço que deveria ser praticado pelo feminino era na casa ou na extensão dela, ou seja, no quintal. Para os meus irmãos, ao contrário, o espaço de praticar as brincadeiras era na rua. A casa era concebida como espaço de intimidade e da distinção. A rua, como o espaço público e de

liberdade, as alianças entre pedagogização dos gêneros e as brincadeiras contribuem para diferenciar os espaços corporais, as atitudes, os sentimentos e os comportamentos, enfim, para tecer os mapas corporais do masculino e do feminino. (ARAÚJO, p.51, 2016)

Atribuindo valores diferenciados para o feminino e o masculino, subjetivando brincadeiras para meninos e para meninas que essas pedagogias acabaram atribuindo historicamente formas de ser e estar na sociedade de forma distinta. Essas práticas de pedagogização, as letras de algumas cantigas de roda, o incentivo ao presentear com “panelinhas” como instrumentos lúdicos para as meninas e para os meninos “carrinhos”, o jogar bola na rua, dizem muito dos lugares que os sujeitos deveriam ocupar. A repetição dos gestos disciplinava os corpos dizendo quem deveria se dedicar a vida privada e quem deve se destinar a vida pública, embora, saibamos que há desvios e burlas em relação a esses dispositivos, o fato é, que esses hábitos deixam e deixaram marcas e instituíram identidades rígidas e homogeneizadoras para os sujeitos e as relações de gênero.

Ao elaborar suas memórias de juventude vividas da cidade de Patos-PB em fins da década de 40, por sua vez, o Senhor Geraldo, recorre às experiências de trabalho quando procura atribuir sentido ao passado por meio das representações de si. Boa parte de seu





“memorial” é dedicado à vida profissional, passagens de vida que trazem lembranças que despertam sentimentos e sensibilidades que motivam orgulho e satisfação do nosso narrador, vejamos:

Minha vida profissional... Eu fazia parte da oitava turma do curso ginásial, que era ministrado em quatro séries e terminaria em 1949. Entretanto, em 1947, aos 15 anos, tive que parar de estudar, pois surgiu à oportunidade de assumir um emprego na SANBRA, multinacional de grande projeção do ramo algodoeiro do país. (...) Eu me impressionava com tudo que se relacionava ao emprego, como por exemplo, a carteira de trabalho de menor e depois a carteira profissional, a qual continha uma fascinante e belíssima advertência de autoria do então ministro do trabalho Alexandre Marcondes Filho, que dizia na sua conclusão: “a carteira, pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida”. (Senhor Geraldo – aluno UAMA, 2013).

A primeira experiência de emprego, que vai de 1947 a 1981, a admissão na SAMBRA<sup>4</sup>, inicialmente, como *Office boy*

---

<sup>4</sup> A partir de 1930 a produção algodoeira vai tomando crescente destaque no mercado internacional e a produção local chega a índices significativos, chegando, pois, o algodão paraibano a ser chamado de “ouro branco”. A SAMBRA, empresa argentina, instaura-se em algumas cidades da Paraíba como Campina Grande e Patos, por exemplo, especializada no trato do sisal e do algodão.

(termo utilizado pelo próprio). Exalta a memória de trabalho como “a melhor escola de vida que eu tive”. Após 37 anos de serviços prestados por motivações particulares teve de se desligar do serviço. As reminiscências que tomam a narrativa são carregadas de satisfação, pois, ao representar a si, por meio da experiência de trabalho, dos anos que lhe tocaram enquanto trabalhador, o Senhor Geraldo, parece estar realizado por ter cumprido em seu passado o papel mais “relevante” delegado ao “bom homem” de família, que era o de sustentar e gerir financeiramente seu lar, assim como lhe foi ensinado. Longe de fazer julgamentos quanto às memórias dos nossos “memóriaslistas”, essas falas emotivas, cheias de sensibilidades e saudosismos nos dão possibilidade de perceber como o inconsciente acaba afirmando subjetividades marcadas em nos, enquanto sujeitos, por toda uma vida, graças a uma política de identidade de gênero que foram sendo constituídas cotidianamente, para afirmar o lugar do masculino do feminino.

Com bem definiu Scott (1989) o gênero é constituto das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos, e todo um aparato cultural (símbolos, afirmações normativas, doutrinas religiosas, políticas, de saber) que tem também suas historicidades legitimando relações de poder. Cabe a nos enquanto estudiosos das questões de gênero pensar



acerca dos avanços que as discussões, e os debates vêm levantando ao longo do tempo.

## CONCLUSÃO.

Para finalizar a discussão já que a escrita acadêmica assim exige, pensamos que foi possível através da percepção e memórias dos idosos expor por meio de suas experiências de vida e de pedagogização formas distintas de vivenciar as relações de gênero das quais hoje temos acesso, e, sobretudo, avanços nos debates que vão significando novas formas de vivenciar as experiências entre os sujeitos.

Argumento também que nossa experiência de pesquisa e escrita possibilitou refletir acerca dos modos como os corpos desses idosos foram marcados por uma educação moral diferenciada, haja vista, o contexto histórico que rememoram e que vivenciaram suas experiências de juventudes e infâncias. Sobretudo, espero que a construção desse trabalho sirva para permitir outro olhar não apenas para com o idoso, como sujeito experiente e que muito tem a nos ensinar, mas, sobretudo, que desenvolva em nós a vontade de aprender com o outro, e a pensar uma educação mais inclusiva e menos arrogante e negligente quanto às questões etárias, de gênero, étnicas e que valorize o que nos “passa, ou o que nos

acontece, ou o que nos toca.” (Larrosa, p.154, 2004).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Pedagogia: a arte de erigir fronteiras**. Disponível:

[http://simposiufac.blogspot.com.br/2013/06/pedagogia-arte-de-erigir-fronteiras\\_21.html](http://simposiufac.blogspot.com.br/2013/06/pedagogia-arte-de-erigir-fronteiras_21.html)

Acesso: 20/04/2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil**. In: História: a arte de inventar o passado. Ensaios da história. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.

ARAÚJO, Eronildes Câmara de. **Homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. Curitiba: Appris, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Estudos Brasileiros, 1979.

LARROSA, Jorge. **Experiência e paixão**. In: Linguagem e educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autentica, 2004

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Identidade e diferença. (Org)Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. New York, Universidade de Columbia, 1989. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias.* Proj. História. São Paulo, (15), abr. 1997.

